

UM CAPÍTULO

DA

ETNOGRAFIA
BARCELENSE



AS OLARIAS



3(469.12)

Um capítulo da etnografia barcelense

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

N^o 59896

Barcelense

Legado
Álvaro Arezes L. Martins

«... O seu trabalho tem o carácter especial da conferência e como tal parece-me bem. Procurou, além disso, mostrar a um público heterogéneo o que estes estudos são, e isso obrigou-o a percorrer muitos caminhos. Teve de jogar com conceitos, noções amplas de evolução geológico-histórica e por fim focar os pontos principais do assunto central: a olaria de Barcelos. Vê-se perfeitamente que o meu amigo tem os elementos e a maturidade intelectual para se lançar na obra capital...»

de uma carta de A. JORGE DIAS
(do Centro de Estudos de Etnologia
Peninsular, doutorado em Volkskunde
pela Univ. de Munique, antigo Leitor
de Português na Univ. de Santiago de
Compostela)

Meu *Ex.^{mo}* . . . Amigo *Jr. Jornalino Figueiredo*

As palavras tão amigas de tantos amigos meus deram-me coragem — talvez melhor descaramento — para publicar os apontamentos a correr coligidos.

Acto de serviço em prol da terra barcelense, não lhe tirei a forma de conversa amiga, emprestada em 17 de Fevereiro; tinha para mim, assim, melhor recordação.

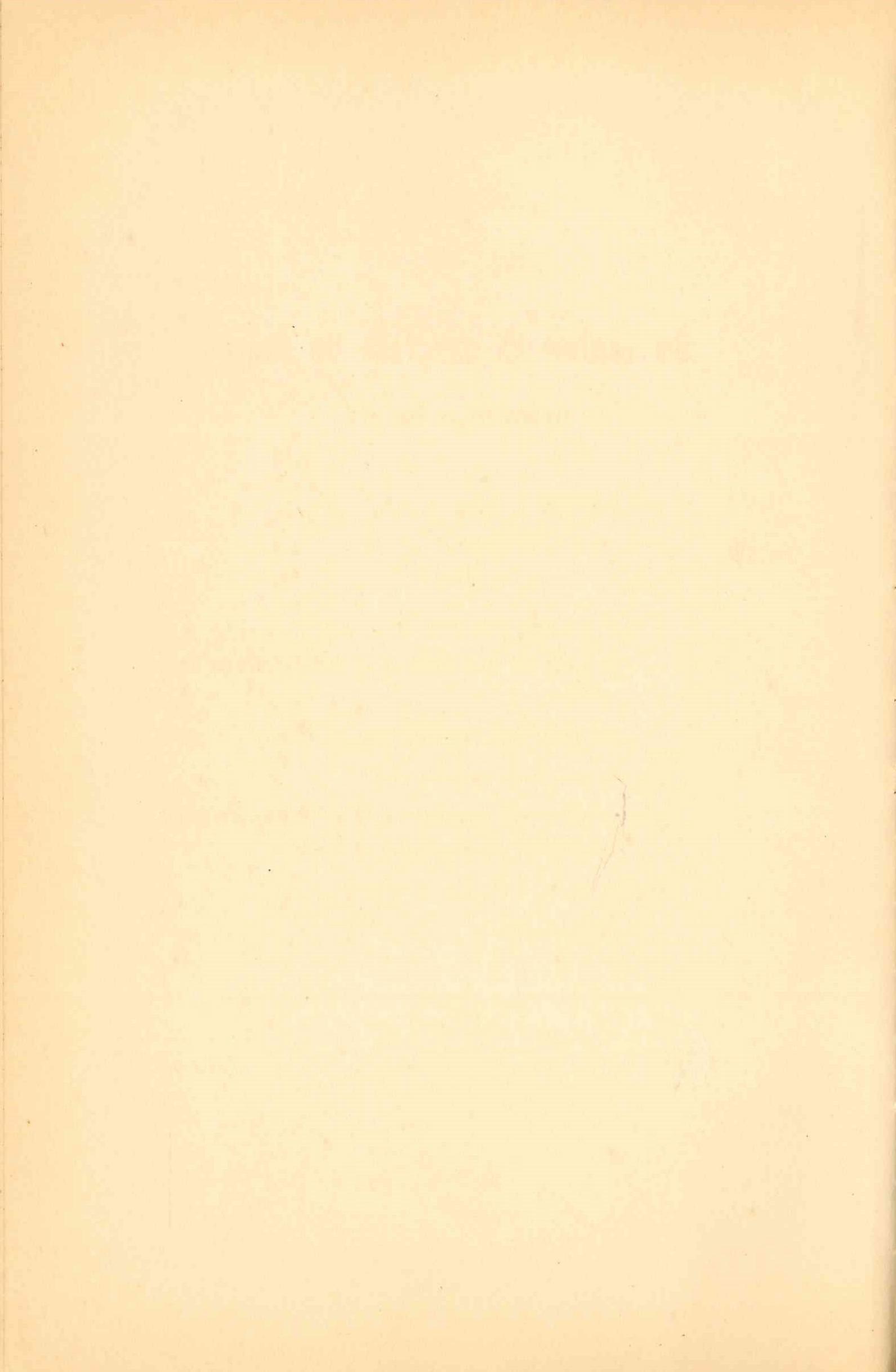
Pequeno esboço, ligeira e pobre mancha, fácil será adivinhar sob ela o que é esse mundo de bonitos, no feliz conceito do artista José Luís (José Luís Brandão de Carvalho), um dos monumentos mais belos da etnografia portuguesa: as Olarias de Barcelos.

Infima pedra desse monumento, impressões fugidias de ante visão é o que oferece o

José Luís Brandão de Carvalho: B. C.

COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS _____

Um capítulo
da
etnografia barcelense



Um capítulo da etnografia barcelense

(pontos a focar)

a — apresentação

b — preparação do tema

c — olarias

1 — a geologia da região

2 — origem na história; o aparecimento no concelho

3 — os materiais de fabrico, produtos do meio

4 — a evolução nas formas

5 — primitivismo nos temas: o n.º 7, louça branca, estatuária, ferramentas, decoração

6 — o meio e a sua influência na côr

7 — decadência

Senhoras Minhas

e

Meus Senhores :

Desconheço a razão porque me encontro aqui, nesta posição destacada, obrigando os amigos e benevolentes olhos de V^{as}. Ex.^{cias}, a fixarem-se em mim.

Não era por certo eu, modestíssimo amator, — embora teimosamente tantos afirmem o contrário — a pessoa indicada para abrir esta *porta santa* das flores do espírito, na série brilhante de conferências que o grupo A. B. C. vai promover.

As palavras do Dr. Furtado Martins, e o convite do Dr. Moreira da Quinta — Presidente da Direcção do A. B. C. —, umas e outro, cheios de benevolência e amizade, são-me profundamente gratas e cativantes — mas grandemente exageradas e injustas — ao collocarem-me no nível de tantos que virão.

Se me deram a oportunidade de ser o primeiro a falar, tenho a convicção de ser o primeiro esquecido, esvaindo-se o pouco que disser, no muito e belo que outros trouxerem.

Por ser o primeiro — honra que recebo sem ser digno dela — desejo felicitar vivamente o A. B. C. na pessoa do seu Presidente da Direcção, pelo brilhante movimento do espírito, adormecido em Barcelos, que hoje — mal por mim — se inicia.

Brilhantes as outras, e pobre a minha; mas se deslustro da pleiade magnífica que me segue, a culpa não a tenho;

limitei-me a dar todo o esforço — fraco esforço para forte vontade — à magnífica realização do A. B. C., e ao convite do seu Presidente.

*

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Desconheço a razão porque me encontro aqui, obrigando os amigos olhos de V.^{as} Ex.^{cias} a fixarem-se em mim.

Nesta altura mais possivelmente no primeiro elemento, modesto no sumo mas volumoso em si, insignificante na matéria mas notável por notado, que em ocasiões semelhantes se transforma no charmariz dos olhares — olhado o conferencista —, no íman da curiosidade: o volume, o peso de papel, o tempo, que seguro nas mãos.

Veze sem conta estive nessa posição, e conhecendo as reacções, não invejo as de V.^{as} Ex.^{cias}, que provoco.

*

Escreveu o grande pensador Ortega e Gasset que
*a conferência é uma luta corpo a corpo
entre o conferencista e o tempo.*

Quem será o vencedor?

De qualquer geito agora V.^{as} Ex.^{cias} são os vencidos.

Minhas Senhoras

e

Meus Senhores

Preparação do tema

Um capítulo da etnografia barcelense

Ao percorrer mentalmente a bibliografia ao meu dispor, precisa para nova recapitulação de uma matéria arrumada há muito, mas em que dissesse o mínimo fundamental, alicerçado em fundamentos sérios, vi a impossibilidade de tal realização, esquecendo — confesso — a falta de aptidão e tempo para trabalhar visão geral e detalhada do problema.

Escolhi então capítulo de uma ciência, moderna como ciência, não só por a poder aprofundar dentro de um campo puramente barcelense, como por ser — em determinadas camadas pseudo cultas e constantes usos — erroneamente empregado o seu uso.

Refiro-me à *etnografia* considerada hoje como a mais perfeita ligação entre as ciências naturais e as sociais.

Perdoem V.^{as} Ex.^{cias} a minúcia no desenvolvimento do meu raciocínio.

A distinta Prof.^a da Universidade de Milão,
Doutora Pia Laviosa no seu magistral

ORIGINI E DIFFUSIONE DELLA CIVILTÁ define

Ethnos como sendo o agregado volumoso de gente de diversa origem, que moldando-se através de múltiplas vicissitudes históricas, atinge em dado momento, e por um período de variável duração, um carácter homogéneo.

E a mesma douta Prof. acrescenta :

mas nunca homogeneidade estável, visto que os processos modificadores não conhecem barreiras, processos mais fortes em zonas de forte ajuntamento étnico.

(A propósito vem dizer a V.^{as} Ex.^{cias} da minha discordância ao afirmar-se que o Trajo de Barcelos é... que o de Perre consta... alheando-os, imunizando-os, vacinando-os — em negação científica — dos referidos processos modificadores).

Mas concretizando a ideia que seguíamos:

Etnografia é a ciência que estuda esse agregado volumoso.

No agregado podemos fazer incidir a nossa atenção dirigindo-a em dois sentidos: à sua cultura e à sua civilização.

Por *cultura* entende-se o desenvolvimento intelectual, ou segundo o alemão Hoernes, a conquista de natureza posta ao serviço do Homem.

Civilização é o conhecimento e meios que se tem de utilizar os recursos naturais.

¿No estudo de um agregado poderemos separar, isolar, distinguir nítida e perfeitamente as manifestações espirituais das materiais, a sua cultura da sua civilização, sabendo que a sua própria vida é o resultado de acções recíprocas entre ambas?

É evidente a negativa, de que imediatamente resulta a dificuldade científica numa limitação perfeita de campos, em estudos de tão complexa natureza.

Mas se praticamente não defenimos a fronteira exacta, bem limitada, de cada uma — *cultura e civilização* —, deu a ciência vocabulário suficiente, e forma de trabalho seguro.

Ao estudo conjunto da vida chamou-se *etnografia*; *folclore* o estudo da alma, e *ergologia* o estudo das manifestações materiais em si.

A *etnografia* — englobemos nela a *ergologia* e o *folclore* — caracteriza-se por três causas ou essências fundamentais :

- o tradicional,
- o popular,
- o anónimo, e

por três características :

- limitação regional ou geográfica,
- derivação atenuada ou directa do racial ou antropológico, e
- predomínio constante e essencial do feminino, infantil ou masculino.

A ideia principal no *tradicional* é a sua permanência e continuidade.

Mais difícil me parece definir a V.^{as} Ex.^{cias}, em conceito perfeito, o que devemos entender por *popular*, por *povo*, termo que, em busca de uma definição exacta, tem feito — aos cientistas — correr rios de tinta.

Na nossa forma de sentir — nem em todos os meridianos se sente da mesma forma —, *povo* é o fundo anónimo e perdurável da humanidade, formado pela gente dos nossos campos.

Finalmente *anónimo* é o acto ou objecto que não aparece como creado por um determinado inventor, em tempo fixo e concretamente personificado.

¿ Manifestação de geração expontânea ?

De forma alguma.

Na etnografia essa origem ou paternidade foi sempre tão transitória e indeterminada, que não uniu o seu nome à invenção ou descoberta realizada.

*

Seduzir-me-ia profundamente, encantar-me-ia — o meu vício confesso sem vergonha — deixar arrastar o raciocínio, alimentado no pouco que sei, e, ordenando ideias e lições, continuar a desenvolver estas magníficas três essências fundamentais, passando naturalmente às restantes características — regionalismo, racial, feminino, infantil ou masculino —, que como cúpula dos primeiros completam totalmente a sua caracterização :

caracterização e determinativo do popular.

*

Neste momento da minha magra exposição, já V.^{as} Ex.^{cias} são juizes da forma, da propriedade com que se *usa* e *abusa*, entre nós barcelenses e portugueses, dos termos etnografia, popular, folclore.

Sem o mínimo conhecimento do que se está a dizer; com a máxima e mais atrevida inconsciência do que se diz.

E com suas características perfeitamente defenidas dentro da ortodoxia científica, tracemos ligeiro esboço das

OLARIAS

Mais me satisfaria literariamente compor sobre esta indústria uma oração cantada, cheia de movimento e harmonia, que deleitasse os ouvidos de V.^{as} Ex.^{cias} mesmo sem lhe encherger o motivo musical.

Deus, entre tantos, não me deu esse dom. Tratá-las-ei como sei, como as vi, como as senti e procurei dissecar.

Fraco bisturi o meu que por ignorância não lhe corta as carnes, e por prudência não o devia tentar.

Bisturi principiante em mãos muito inseguras, só lhe ferirá a carne na sua epiderme — aqui e além — dos seus órgãos vitais.

A geologia da região

Vai para 500 milhões de anos — segundo os trabalhos do Prof. Zeuner publicados em 1950 no seu

DATING THE PAST. AN INTRODUCTION TO GEO-
CHRONOLOGY —

— principiou para o globo terrestre uma nova época.

(O eminente Prof. Breuil no seu curso de 1942 na Fac. de Letras de Lisboa deu o bonito número de 481 milhões, ao passo que o Prof. Furon em trabalho recente deste ano nos indica 551 milhões. Mas

mais milhão ou menos para o nosso caso pouco importa, sendo contudo curioso mostrar como este número é distribuído por Furon: o primário com 350 milhões, o secundário 150, o terciário 50 milhões e somente 1 milhão de anos ao último, ao mais novo.)

Este mais novo chamar-se-ia época arqueolítica ou quaternária e nele se sentiriam profundas modificações, periodicamente alteradas;

as modificações têm o nome de períodos glaciares, e as alterações periódicas — de durações variáveis entre 60 e 90 mil anos — interglaciares.

Neste período, e nos estratos que nos deixou, aparece o *Homo sapiens*.

Os períodos glaciares do quaternário, pleistoceno ou arqueolítico, na parte da Europa que ocupamos foram quatro, respectivamente chamados por ordem de antiguidade de: Günz, Mindel, Riss e Würm.

Entre cada período glacial, intercalou-se um interglacial de clima suave respectivamente chamado de Günz-Mindel, Mindel-Riss e Riss-Würm.

As terras foram aparecendo a descoberto, o nível do mar descendo, (é a fase de regressão dos mares) e ficaram a testemunhar estes períodos do quaternário as praias, os terraços que vão de 10 a 90 metros acima do nível actual do mar.

Com estes e outros elementos — cuja enumeração descancem V.^{as} Ex.^{cias} não faço — foi fácil chegar às seguintes conclusões:

- 1.^a — S. Vicente de Areias surgiu de sob as águas no ante-penúltimo interglacial.

2.^a — da terceira glaciação — período glacial de Riss — datam os saibros fluviais que se estendem da Quinta da Barreta em Barcelos por Manhente, Galegos até Cabanelas, já fora do concelho.

E sem a matéria prima — o barro — não se poderiam ter fixado as indústrias cerâmicas que têm

— uma origem na história e forte vincolamento ao concelho.

Razão tinha o Prof. Leite de Vasconcelos quando escrevia que

etnografia é muitas vezes arqueologia.

Na história a cerâmica não apareceu com o homem, no conceito em que hoje é vulgarmente tido.

O nosso avô do quaternário e no *paleolítico antigo*, o homem do acheulense, em homenagem à estação tipo de Saint Acheul em França, utilizava sòmente a pedra, o osso e o chifre.

Com estas três matérias primas construía os punhais, a lança, a flecha, o projectil manual, e outros reduzidos instrumentos para seus usos. Povo de caçadores, preparava as peles para se cobrir e a carne para comer; extraía dos ossos o tutano e das terras arrancava os bolbos comestíveis; reduzia os grãos a farinha e esmagava matérias còrantes para as suas pinturas.

Nesta vida primitiva não existia cerâmica. É o homem do mesolítico ou *neolítico antigo* mais novinho que seu avô, e que em cifras absolutas aparece pelo ano 8.000 a. C. o criador da origem da louça

de Barcelos como da faiança de Delft na Holanda, da porcelana da Vista Alegre como da do Buen Retiro em Espanha ou de Müssen na Alemanha.

Formas primitivas as originárias — inspiradas nos frutos — moldadas à mão e sem cosedura, atingem um desenvolvimento notável entre 3.500 a 2.000 a. C. com o *neolítico puro* ou recente peninsular hispânico.

Os povos que o formam — agricultores e pastores — trabalham a pedra e vão abandonando o osso, moldam o barro em formas lisas ou profusamente decoradas, mas sempre com fundo esférico.

É o povo dos dolmens, mamoadas ou antas, da tão debatida cultura megalítica, onde se faz sentir fortemente uma influência progressiva culturoológica do Oriente mediterrâneo e do Egipto, através do Norte de África, bem como de todo o Mediterrâneo por via marítima.

Vive em alturas estratégicas com povoados bem construídos e numa organização matriarcal, ou mais claramente ordem social em que a mulher é a base da família exercendo na sociedade grande autoridade.

* * *

Menos felizes fomos ao procurar encontrar o vincolamento histórico — e na forma actual de indústria — ao concelho.

Em análise histórica, e por dedução parece-me evidente ter já milénios a indústria na região, não só por ela ter no seu solo a matéria base — o barro — como por conhecer que alguns tempos a. C. se fazia o comércio cerâmico em grande escala.

Neste comércio — de importação — é típica a formosa *terra sigilatta* (impròpriamente chamada *arre-*

tina) (1) a que se dedicaram—depois de seu aparecimento em Itália em 50 a. C.—nossos avós dos castros de Faria, do Facho e do Monte da Saia (lugar do Castelo) nos primeiros séculos da nossa era.

Fácil seria fixar-se a indústria no concelho depois do abandono dos castros durante a conquista e colonização de Roma.

Parecem-me indiscutíveis, visíveis, palpáveis os fortes elos de uma cadeia, cujo fim, por certo, nenhum dos presentes prevê.

*

Documentalmente, séculos fora, não encontrei referência que me satisfizesse.

Os forais — quer novos ou velhos — de D. Manuel I ou do Fundador, fazem é certo referência a telha e tijolo, a louça e obra de barro.

Parece-me prudente não ver nesta especificação referência positiva e concreta à indústria local, antes nos mesmos documentos—nesta matéria feitos de chapa—devemos interpretar, indiscutivelmente, haver louças de barro

assy do Reyno como de fora delle

¿Se havia indústrias no Reino porque não ser a da região uma delas?

É provável, é natural, mas... não o podemos historicamente afirmar, ou por prudência científica não devemos fazê-lo.

(1) *Arretum* dos romanos (actual Arezzo) foi um centro produtor como *Puteoli* (Pozzuoli de hoje) ou *Centum Cellae* (hoje Cincelli) em Itália. Centros semelhantes havia no sul e centro da Gália, na actual Espanha, etc. (La Graufesenque, Montans, Banassac, Saint-Rémy, Lezoux, Sagunto, Abella, Solsona, etc.). Toda a cerâmica *arretina* é *sigilatta*, como o é a *saguntina*. É erro pois tomar-se a parte pelo todo, erro felizmente usado por amadores sem responsabilidade ou conhecimentos da matéria.

As consultas por mim feitas a arquivos, as buscas pedidas e directas, foram, com pena, tristemente negativas.

Na toponímia — quase sempre elemento seguro da pesquisa — e em toda a área geográfica da indústria, só encontramos,

Souto de Oleiros como topónimo de um lugar na freguesia de S.^{ta} Maria de Galegos.

O P.^e Carvalho na sua COROGRAFIA, a págs. 251 e ao tratar de S. Vicente de Areias diz que

aqui se fazem os melhores púcaros de beber que na província se obrão

Pouco? Muito?

Muito pouco para o que desejava saber.

* * *

Não me permite o tempo e a paciência de V.^{as} Ex.^{cias} desenvolver no mesmo ritmo todos os assuntos anotados no meu plano de trabalho.

Por isto mesmo eu lhe chamei capítulo e não estudo.

Estudo que seria monumento ao povo oleiro digno de um Rodin ou Miguel Ângelo, e para o qual não tenho forças.

* * *

Foi generosa a terra barcelense dando ao oleiro os meios de que carecia: o barro e a madeira.

Do barro se fazem as peças e as tintas mais antigas; da madeira se fabrica a roda e as ferramentas.

Argila vermelha dissolvida em água dá o vermelho típico sob o vidrado;

barro branco dá o amarelo tão usado nas decorações.

A história da ferramenta quer seja de fazer ou de pintar acompanha a história onatômica da peça a fabricar, sem nunca chegar a atingir o seu grau de evolução ou beleza estética.

Filha do espírito criador do oleiro, este fabrica-a a canivete ou navalha, na forma e geito do fim em vista e . . . só para ele.

Produto regional?

Sem dúvida alguma, no seu tipológico desenvolvimento, sem paralelo nos outros centros que estudei — desde Canha a Vagos, de Malhada Sôrda a Vilar de Nantes em Chaves.

Não nos tem fornecido a arqueologia elementos seguros sobre a matéria, ou por serem poucos os documentos, ou por serem elementos de reduzida importância, quer em visão de conjunto do problema, quer em faceta especial do assunto.

Numa taça — por exemplo — existente no Museu de Berlim está representado um operário oleiro com um utensílio na mão: é a taça de Corneto.

Blümmer e Colignon interpretaram o icon, e deduziram parecer representar o artífice a polir um vaso com um bocado de madeira ou couro.

De qualquer forma, em qualquer dedução, vemos — *e nunca o duvidamos* — que a partir de certa antiguidade se usavam ferramentas — se estes utensílios o são — para auxiliar o fabrico e a decoração das peças, assunto sobre o qual dentro de momentos tentarei prender a atenção de V.^{as} Ex.^{cias}.

Poderemos afirmar de passagem — para outros aspectos desejava guardar a atenção de V.^{as} Ex.^{cias} — que se nota um paralelismo, ou com mais propriedade uma pervivência dos usos e métodos romanos, palpáveis tanto na roda de oleiro como nos fornos

do nosso concelho, uma e outros sobejamente conhecidos de todos nós, e perfeitamente iguais aos romanos como o afirmam documentos iconográficos contemporâneos existentes em monumentos coevos, e são magnificamente interpretados por Daremberg e Sagglio no seu monumental Dicionário das Antiguidades Gregas e Romanas, e por Rich no Dicionário das Antiguidades Romanas.

* * *

¿E as maravilhas produzidas pelo Oleiro?

Esqueçamos por momentos a escultura, e olhe-mos para a louça utilitária, vidrada ou não.

Cronològicamente é mais antiga, sem dúvida, a louça por vidrar, não só na sua anatomia, como nos seus processos evolutivos, sabendo que o vidrado se principiou a utilizar na Europa em princípios do século XIII, segundo o escreveu Etienne Deville.

É tão flagrante o paralelismo anatómico com peças romanas que a actual *infusa* — se não fosse vidrada — irmã mais nova do *borreto do cântaro*, e a *vinagreira* são irmãs gémeas dos tipos clássicos *oenochoe* e *ampulla* vulgares nos castros do Ferro céltico, em certo momento sincrónicos das culturas centro europeias de Halstatt no Tirol austríaco, e La Tène junto ao lago de Neuchâtel na Suíça.

As peças fabricadas são bem conhecidas, e se mantêm algumas os traços ancestrais de peça mãe, originaria — notemos o fundo esférico das *caçoilas* e *caçarolas* de nítida feição neolítica — todas conseguiram fugir às influências de sec.^s de gosto retrogrado.

A nomenclatura merece a nossa momentânea atenção, mais pela riqueza e variedade, do que pela análise etimológica, demorada e fastidiosa.

Na louça branca — a louça por vidrar — encontramos :

borreto do cântaro, borreto ou panelinho; cântara, cantarinha, pichel, pichana ou chifarote; cântaro; pote sem pernas, pôtinho, púcaro ou panela de fundo estreito; pote chato, púcaro, pote sem pernas ou panela de fundo chato; pote com pernas; caçoila ou caçoila sem pernas; caçarola, caçoila sem pernas, e se é pequena e com asa apendicular rabeto; vinagreira: chocateira; púcaro ou ferrucho; assadeira e fogareiro, estes últimos cronològicamente desacasalados.

Neste tipo de louça ainda se fabricam *vasos para flores, fornos para assar cabritos, ninhos para coelhos*, demonstrando certa evolução no fabrico, mas descaracterização nos tipos clássicos por necessidade comercial e influências estranhas, ou... *processos evolutivos* da Prof.^a Laviosa.

Mais moderna — se no conceito corrente se admite a ideia de moderno para além de certo limite — é a louça vidrada, onde a rudeza e sobriedade de forma é enriquecida pela profusão decorativa.

Alguidar; alguidar para arroz, torto ou de forno; alguidar de mãos; bacia de comer ou ladeira; patelo; sopeira; pandeiro ou taça; prato; tigela ou chícara; malga ou chícara redonda; assadeira ou pingadeira; espumadeira, escoadeira ou coador; infusa ou palan-gana; copo ou copo migueiro; talha; porrão, canão e, em forma moderna a lisboa e a moringa, sem esquecer o bacio ou servidor manifestação artística de super-civilização, estranha ao meio de fabrico.

De todas estas peças — facto curioso — se fabricam fundamentalmente 7 tamanhos, e digo fundamentalmente, pois por encomenda, e só por esta, há um oitavo: o *cozinheiro*.

E como há nome para tudo — e justificação — e explicação etnográfica que poupo para que o tempo me não vença — encontramos por ordem crescente: *quarteirão, quatro vinténs, meio quartilho, risco, quartilho, meia canada e canada*; ou *quarteirão, quatro, meio quartilho, risco, quartilho, meia canada e meia ou canada*.

Relação entre elas?

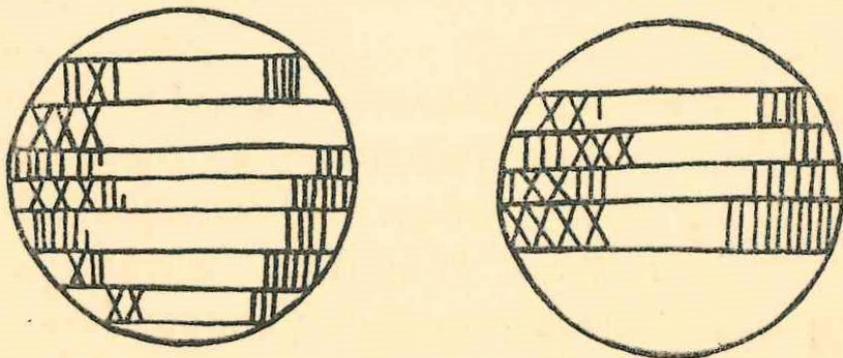
Sem dúvida na mesma peça, e no preço nas formas diferentes.

Feitas as contas encontra-se certa reductibilidade por equivalência:

por 12 peças em *quartilho* valem 18 em *risco*, 24 em *meio quartilho*, 36 em *quatro* e 72 em *quarteirão*.

A escrita.

A escrita primitiva podem V.^{as} Ex.^{cias} apreciá-la devidamente no seu sabor arcaico.



Não notam V.^{as} Ex.^{cias} aqui um número conhecido?

Refiro-me ao 7 tanto da predilecção popular, e que com o título de *Senhor 7* mereceu uma série de artigos em revista portuguesa da especialidade.

O n.º 7 é o número dos dias da semana; é o dos ramos do candelabro do templo e do Apocalipse que tem ligação com a árvore do tempo, ornada de 7 ramos e dos 7 luminares: 5 planetas, o sol e a lua.

É o número do *sete estrelo* e dos pecados mortais, da criação do mundo e dos Sacramentos, das Igrejas da Ásia e dos salmos penitenciais, das cores do arco íris e das minhas *sete quintas*.

Se até os gatos têm ... 7 fôlegos!!!

Esta aritmética intencional, sagrada, teve um grande lugar para a representação do sistema do mundo, e de tudo aquilo onde se manifesta a harmonia com Deus.

Os artistas observam-a, o povo ouvia-a e via-a, e de aqui tradicional e anònimamente se transmite, sem explicação diferente de

« já o meu avô fazia assim »

*

Não encontraríamos melhor explicação para a variada série de desenhos transmitidos atàvicamente por mãos femininas ou adolescentes à pasta por cozer, com o axílio das *floreiras*, *esses*, *marcadeiras* e *canudos* e a *pena da asa esquerda da galinha*.

Peças decoradas por pintura—a decoração incisa perdeu-se no nosso núcleo—só as encontramos na *louça de vista*, ou de cerimónia: *bacias de comer* ou *ladeiras*, *patelos*, *taças*, ou *pandeiros*, *pratos*, *tigelas* ou *chícaras* e as *infusas* ou *palanganas*.

Problema complexo nos fornece este assunto, mas nem por complicado nos esconde a origem e cronologia.

Poderíamos — e deveria se o tempo o permitisse — procurar o *critério* da forma plástica de cada elemento determinando-lhe o tipo ou género, sua idade e difusão ou expansão.

Seria trabalho exaustivo e fora do âmbito desta palestra.

*

Antes de entrar no sentido interpretativo de cada *símbolo* — neste momento talvez mais próprio chamar-lhe ainda *adorno* — atrevo-me a chamar a atenção de V.^{as} Ex.^{cias} para uma lição do catedrático espanhol Luís de Hoyos :

Diz : a forma deve-se a invento ou criação individual absorvida pela massa, e portanto popular e anónima, ou à sua introdução por infiltração de outra cultura diferente, ou ainda nasce do cruzamento de ambas.

Pois bem :

limitar-me-ei à interpretação dos adornos ou feitios, para o povo sem explicação, mas na realidade *símbolo* para nós, símbolos cuja origem o povo perdeu, mas nem por isso — felizmente — abandonou.

Símbolos são uma abstracção generalizada de motivos, mais pròpriamente do que estilização ou simplificação dos mesmos motivos.

Motivos decorativos são criações naturais ou espontâneas.

¿Qual a faceta ou ângulo do qual devemos encarar essa série de bonitos, encanto dos nossos olhos?

¿São *símbolos* ou *motivos*?

São símbolos *de forte carácter religioso*, religioso na acepção científica do termo, com motivos posteriormente introduzidos, e que a pouco e pouco vão substituindo os primeiros, mais antigos, mais barcelenses, mais populares.

Como nasceram?

Tem a palavra Aarão de Lacerda:

«Temos em primeiro lugar as sensações, matéria bruta do conhecimento; temos depois as imagens que representam esta matéria bruta já trabalhada. As imagens genéricas condensam-se numa imagem única. Começam então a aparecer os elementos simples, cada vez mais distantes da realidade, cada vez mais visíveis para a óptica mental. O espírito não podia suportar a acumulação das sensações, a multiplicidade permanente das imagens: na passagem de umas para as outras vão-se eliminando os elementos menos comuns. Há uma generalização sucessiva que vai da multiplicidade à unidade dos pormenores, ao esquema, à representação simbólica, ao símbolo».

Estes símbolos — os da nossa louça — já não se conservam pelo fervor religioso que os originou, antes por lembrança de formas antigas mantidas por herança tradicional.

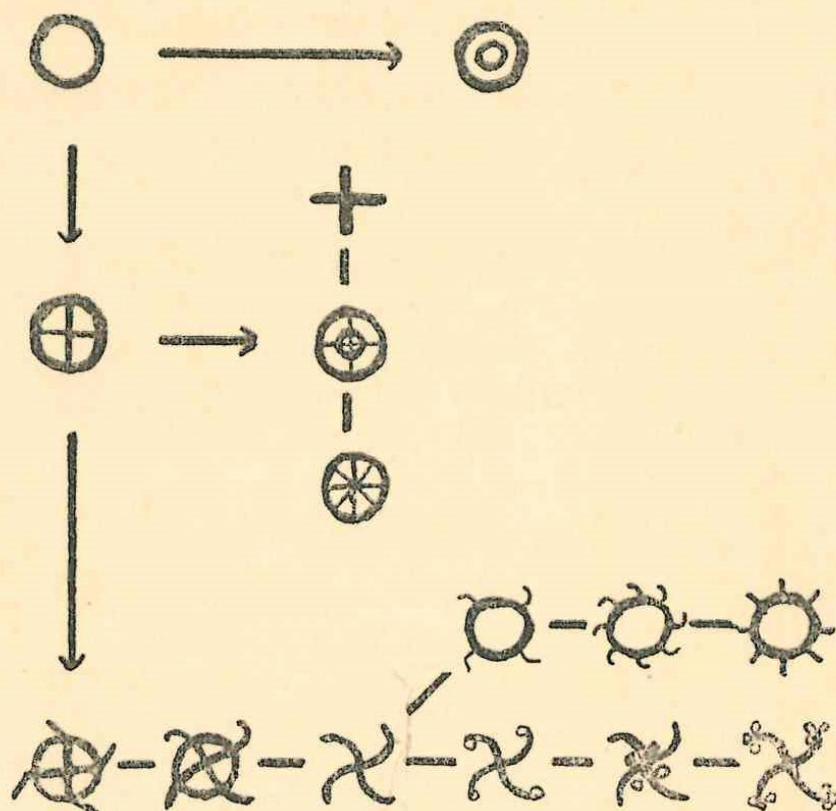
O Doutor José Leite de Vasconcelos em estudo deficiente de estudante, publicado em 1881, divide os ornatos em: símbolos extintos, símbolos vivos e ornatos pròpriamente ditos.

Se vivesse e revisse o problema, o mesmo erudito veria nos ornatos verdadeiros símbolos.

Parece-me mais ortodoxa a divisão em: símbolos rudimentares, dos povos históricos e cristãos ou mais resumidamente: totêmicos, pagãos e cristãos.

Vamos filiar cada um dos nossos.

— a *pomba* é a representação da alma voando para Deus. Símbolo do Espírito Santo e da paz.



SÍMBOLOS DERIVADOS DO SOL

— o *peixe* pelo seu nome significa Cristo. Ichtyus em grego é peixe, mas as suas letras formam as letras iniciais de Jesus Cristo Filho de Deus Salvador.

— a *âncora* a confiança inabalável na vontade divina.

— a *cruz* a fé, o lenho infeliz e também o sol.

— a *videira* o próprio Redentor.

— a *custódia* filia-se perfeitamente no velho culto dos astros, do sol se lhe queremos encontrar a origem, e como esta os sinais representados por um círculo rodeado de raios.

— os *esses cruzados* são símbolos solares.

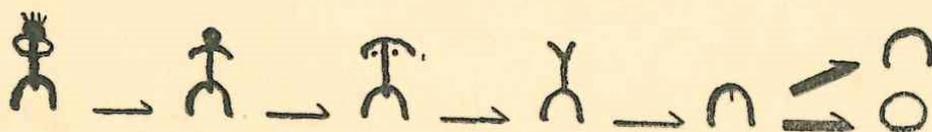
— o *coração* como símbolo foi usado já nos tempos pré-históricos. Junto dele a chave justifica-se

*aqui tens meu coração
e a chave p'ra o abrir.*

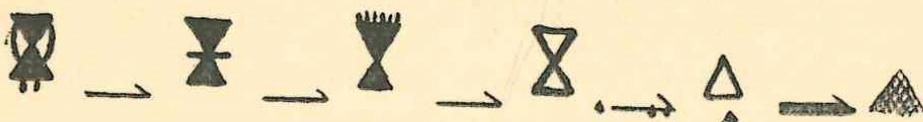
— os *esses paralelos* ou *encadeados* a água e o seu culto.



— o *circulo* o homem ou o sol.



— *rectas cortadas* — o *castelo* — a *mulher*.



— o *signo saimão*, *poligno* estrelado ou *são-salimão* foi divisa de povos, e ainda hoje se lhe liga carácter mágico.

*

Excluindo os símbolos cristãos— a âncora, o peixe, a vinha e a pomba— todos os restantes têm a sua raiz no paganismo que nos antecedeu, e vamos encon-

trá-los pintados ou gravados nos monumentos da mais remota antiguidade, onde exerciam a acção de *totem* ou *talismam*.

De uma forma ou outra, quer cristãos ou pagãos, todos têm carácter religioso como afirmei ao princípio, sem que lho sinta e o explique a mulher que o transmite hoje, para encanto dos nossos olhos.

O bacalhau, a galinha e certas flores são formas usadas hoje mas sem tradição ainda.

E se hoje vemos os outros sem saber o que representavam, são muitos deles emblemas totémicos, usados pelos primitivos actuais da Austrália central e da América do Norte.

* * *

Alonguei-me demasiado e a paciência de V.^{as} Ex.^{cias} tem limites.

É que a matéria é mais para escrever e ler, que para ouvir; e ler e... ler só lê quem quer.

Na luta corpo a corpo de que falou Ortega y Gasset está também o tempo a ser vencido.

*

A estatuária, melhor imaginaria.

Trazer perante V.^{as} Ex.^{cias} os bonecos de barro, é atrevimento quase indesculpável.

¿ Falar na cor, na anatomia, na origem e história, no seu fabrico?

¿ Explicar a causa dos fornos especiais para eles se chamarem *aboengos*?

Seria obra de tomo que tenho em plano vai para 18 anos, e não tive forças para lhe deitar mão.

De sempre o homem foi escultor, como o provam as esculturas animalistas ou zoomorfas do paleolítico estudadas em Mas d'Azil e Montespan por Casteret e em Tuc de Audoubert pelo eminente prehistoriador Conde de Begouen.

E desde então, passando pelos santuários ibéricos dos séc. III e IV a. C. (em que o Cerro de los Angeles é típico em Espanha), nunca mais desapareceu o gosto pela escultura, mais que por gosto, por necessidade da sua própria natureza.

« A vida do campo e o repouso que ela trás à sua imaginação, faz dele um ser contemplativo, criador de imagens singelas, arrancadas ao espectáculo grandioso das coisas que o cercam »

escreveu um pintor e crítico de arte português.

No povo, no nosso oleiro — antes oleira — mais por natureza e própria condição do que por inquietação do espírito, surge esse sem número de materializações curiosas, cópia dos elementos que com ela vivem.

Primitivamente os bonecos de Barcelos eram feitos sem molde — como ainda hoje alguns originais — molde, triste invenção que permitiu infiltrar-se no nosso meio essa medonha série de abortos que tantos de fora, e muitos de Barcelos, compram na feira como lembrança, e o nosso Posto de Turismo não escondia.

Os bonecos de barro têm suas formas clássicas — melhor chamar-lhes tradicionais — devendo-se englobar neles todos os que mantendo a mesma feição, tem a mesma origem: regional, étnica e popular.

Neste novo grupo — os novos, mas típicos de Barcelos — devemos englobar as cenas de caça onde

o espírito imaginativo chega a ver um coelho em cima de uma árvore, assim como todas as cenas da vida rural desde o lavrar ao sachar, do lavar ao jogo do pau.

Figuras — ou *figurados* ou *bonicrecos* — sem tradição ainda, têm forma tradicional na anatomia e cor, na imagética e destino, com raízes nas pinturas de Altamira e Lascaux do paleolítico.

¿A que se destinavam?

Brinquedos de criança hoje e figuras de presépio no Natal, foram, em fins do séc. xvii, figurinhas de presépio pobre, presépio que em Portugal atingiria o máximo esplendor no séc. seguinte com a escola de Mafra e os barristas de Aveiro e Coimbra, — uns outros influenciados por escultores italianos de fortes tradições florentinas do séc. xv — para ir decaindo no séc. xix.

*

¿Da cor o que dizer?

Todos os conhecemos ainda sem purpurina.

Nas cores geralmente usadas há dois grupos distintos:

o *pròpriamente popular*, de cromatismo forte e luminoso, certamente nascida da impressão e observação das cores do meio ambiente, e

o *psíquico* por interpretação ou simbolismo mítico ou religioso.

No primeiro grupo — popular — caberia o azul, o verde, o vermelho e o amarelo, cores respectivamente do céu, dos prados, do sangue e do pão e palhas.

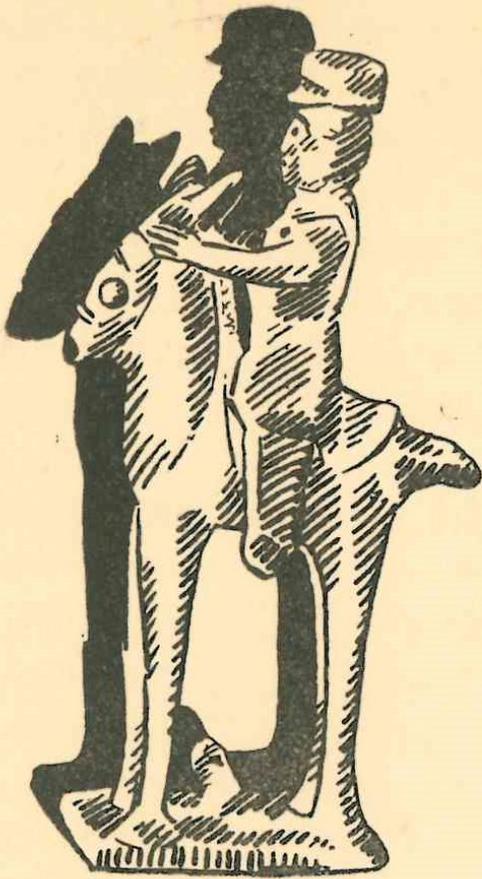


Fig. 1

confundíveis (*Figura 1*) — comparem-se com Gaia, Estremoz (*Fig. 2*) ou Pampilhosa; — só são sentidas pelos minhotos — não os compram nas feiras de Aveiro ou S.^{to} António dos Olivais em Coimbra;

O branco cor vulgar dos pastores do Natal — pastores que na imagética popular da região são romeiros — é cor do segundo grupo ou psíquico.

*

¿ Falar das formas?
Têm todas as características da arte popular:
— são eminentemente locais e in-

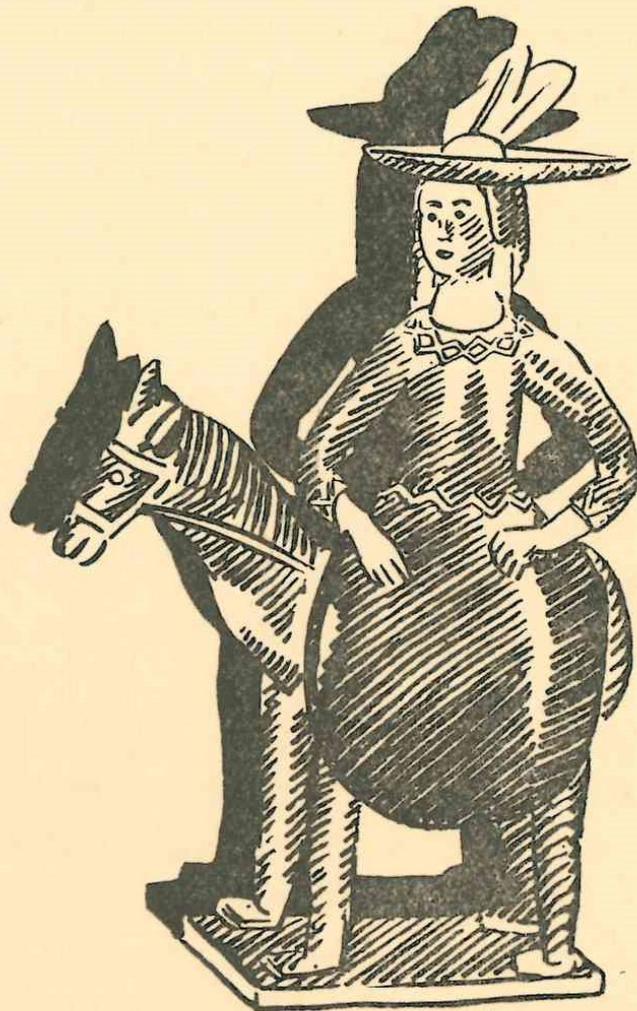


Fig. 2

— são formas velhas por ser lenta a sua evolução, obra de séculos — de aqui a sua morosa transformação ;

— são supervivências ou assimilações lentas de coisas vistas — o que dá como imediato resultado a pouca produção de novas formas ;

— são realistas por serem criação do que os rodeia — e deste facto a substituição por romeiros (*Figura 3*) dos pastores, sem existência em região de nula pasturicia ;

— são de arte mas não pura, utilitária por andarem ligados a uma função defenida — presépio, brinquedo, paliteiro ;



Fig. 3

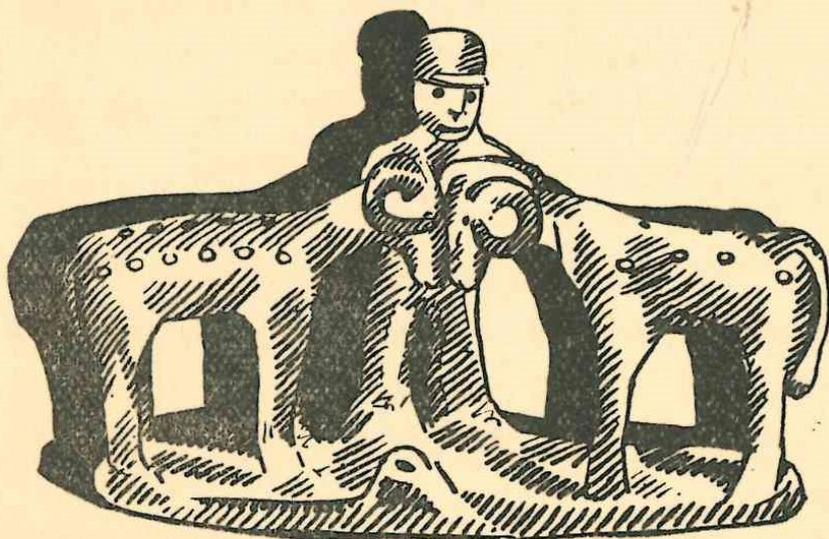


Fig. 4

— são destituídos de proporções, sintoma de que as coisas se representam como se pensam e não como se

vêm. (Repare-se aqui no bailarico e nas ovelhas pegadas (*Fig. 4*). Tocador e ovelhas figura principal; logo... a maior. Sintoma perfeito desta falta e característica é a representação do coelho, que apertado pelos cães trepa a uma árvore sem existência na região) (*Fig. 5*).

* * *

Vamos à parte final já fora da ciência — se fiz ciência — mas tão tristemente dentro da realidade.

Já escrevi e afirmei — a voz clamando no deserto — ser inevitável a decadência desta velha e típica indústria barcelense.

Nunca pensei — como tantos que de tudo tanto sabem — nas possibilidades de restauro desta manifestação ou melhor no seu reavivamento.

Nas mãos do homem mais poder não há que salvar guardando para estudo e testemunho.

O tempo não perdoa, as modas invadem, e não se travam as influências a que está sujeita a área oleira, não podendo alterar os *processos modificadores* — no feliz conceito de Laviosa — processos materiais e espirituais de Viana a Guimarães, da Póvoa a Braga.

A facilidade de transportes e a telefonia sem fios mostram o embaratecimento e maior duração

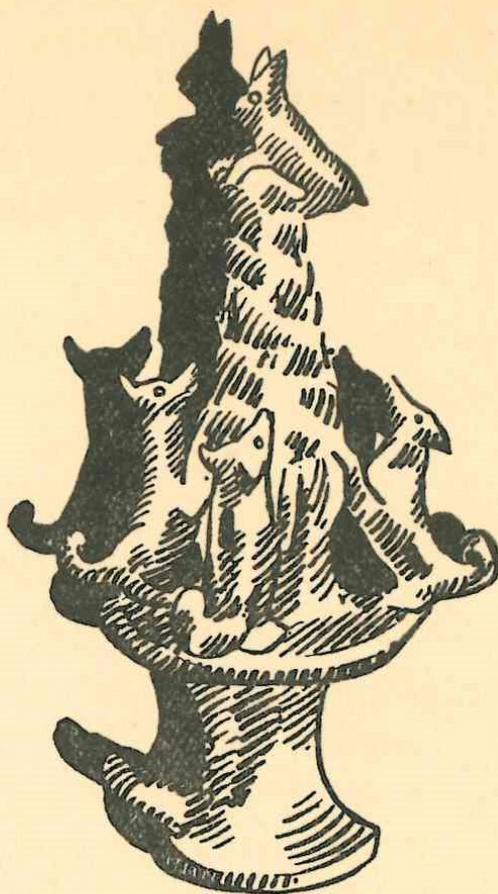


Fig. 5

dos modernos utensílios domésticos; a abundância e variedade de bonecos de plástico ou sintéticos ou moldados em série reduz a estes o preço em prejuízo dos nossos; a estatuária de Gaia e Coimbra mais variada e perfeita fá-la preferir comercialmente.

A ida à feira a Braga ou a banhos à Póvoa ou em Março a Aveiro educa o gosto artístico — se o que se vê educa —, fazendo abandonar — por não vendáveis — as formas clássicas, para as substituir por tentativas que caíram — lembremos a pintura à pistola — ou cairão, (neste caso temos a cigana a ler a sina, N.^a S.^a de Fátima e S.^{to} António, o caçador de tigres, etc., etc., etc. que enfastiam só de ser lembrados).

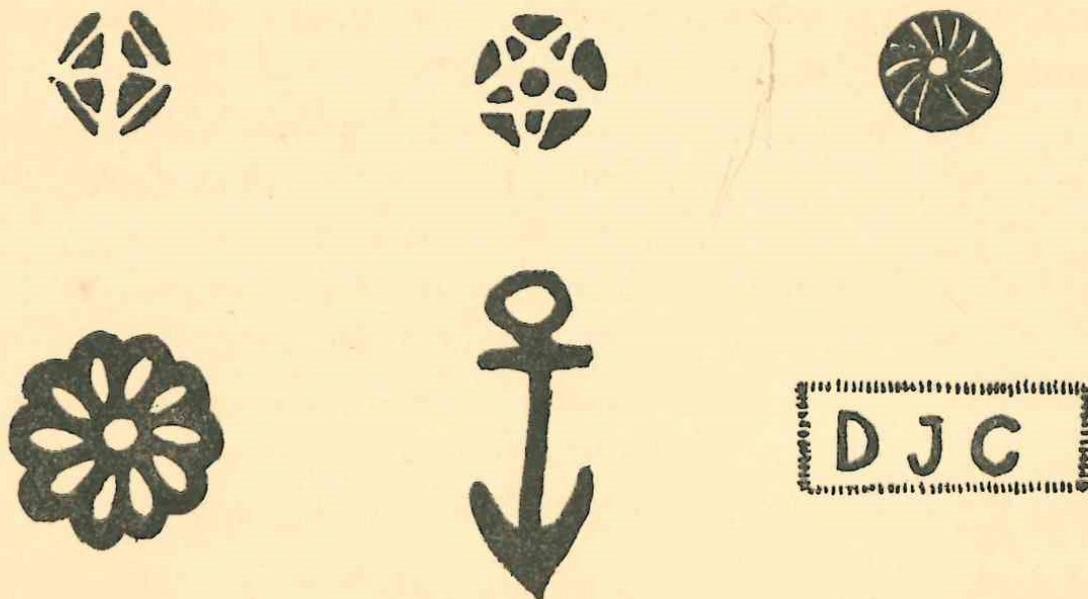
E sobre isto o fisco e... a moda que não volta.

E sobre tudo isto — se fora pouco e pouco forte — a nossa Câmara, esta e as outras que para nada queriam saber de tudo isto.

Em que nos falta falar?

Em mais do que dissemos.

Nas marcas?



Quem as conhece?

*

O que ficou por dizer?

Mais muito mais do que disse.

* * *

Estamos — agora é certo e felizmente para V.^{as} Ex.^{cias} — chegados ao fim deste fraco esboço, trabalhado a correr e sobre o joelho.

Traços isolados, leves mas monótonos na cor emprestada, tive ao fazê-los a pretensão — antes desejo não conseguido — de mostrar a V.^{as} Ex.^{cias} o lado sério, ortodoxo, único da etnografia aplicado às manifestações da indústria popular mais característica do nosso concelho e das mais típicas de Portugal, em um ou outro aspecto.

Desejava ter podido analisá-la em cores mais alegres, mais vistosas e com mais gamas, descrevendo e estudando a história dos exemplares vistos na feira até seu nascimento, por exemplo.

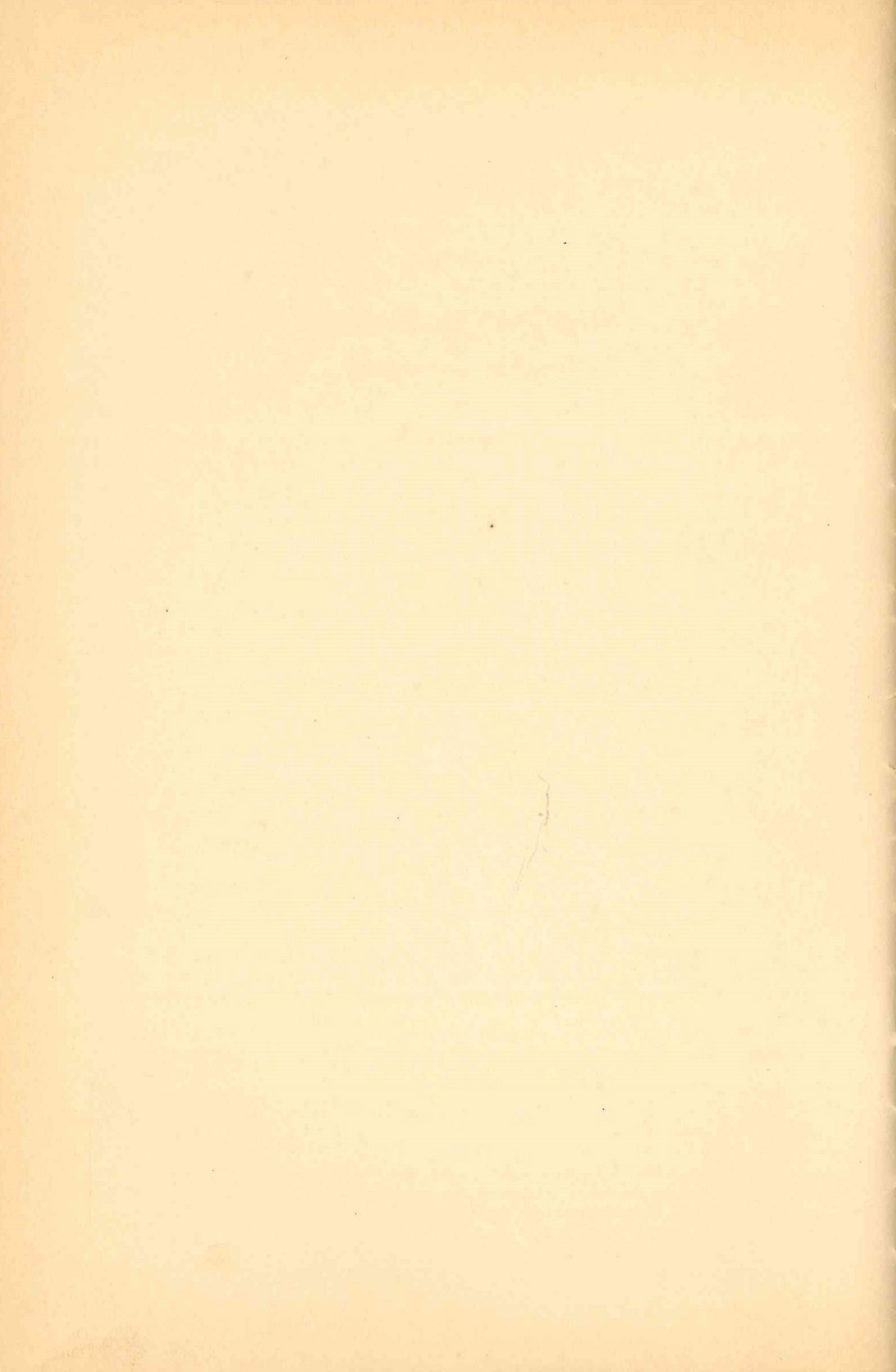
Sairiam V.^{as} Ex.^{cias} melhor dispostos e perdoariam — e ao Dr. Quinta — com mais facilidade o tempo que perderam.

Desejei não desmerecer da honra da abertura mas fiquei àquem, ao pretender

não só mostrar o nível actual da ciência,
como trazer perante os olhos cultos de
V.^{as} Ex.^{cias} um pouco do
porquê de tanta cousa linda
para honra e glória do nosso
povo oleiro
e para glória a honra da
nossa Terra

Tenho dito

17-II-51.



GONÇALVES TORRES

desenhou do original

os

Bonecos

para

esta nota

e o

autor dela

decalcou

as

ilustrações

Os Bonecos de Barcelos pertencem à Coleção Municipal. No rosto e costas da capa apresentam-se dois ídolos pré-históricos com estilizações — olhos e corpo — ainda hoje usadas na decoração da louça vidrada barcelense.



biblioteca
municipal
barcelos



59896

Um capítulo da etnografia
barcelense